

**“... ELE FICAVA APAVORADO E TAMPAVA OS OLHOS”: PROVOCAÇÕES
DE UM FILME ATRAVESSANDO FORMAÇÃO DOCENTE,
SEXUALIDADES E RELIGIOSIDADES**

**“... HE WAS TERRIFIED AND COVERED HIS EYES”: PROVOCATION
OF A MOVIE PERMEATING TEACHER’S FORMATION,
SEXUALITIES AND RELIGIOUSNESS**

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v22n1p43-54

Resumo

O artigo discute as narrativas de estudantes de Pedagogia produzidas com o filme Milk – a voz da igualdade, como uma atividade proposta no contexto de uma disciplina que aborda temas ligados aos gêneros e sexualidades. As narrativas das estudantes, escritas em diários de bordo, anunciam modos de pensar e de lidar com as homossexualidades construídos a partir de discursos religiosos cristãos. São narrados incômodos e estranhamentos produzidos com as imagens de beijos e práticas sexuais entre homens, numa política de visibilidade e invisibilidade. O texto anuncia um projeto formativo que se pauta pela problematização e pela inquietação consigo, considerando o processo de escrever como parte desse exercício formativo.

Palavras-chave: Formação docente. Homossexualidades. Discursos religiosos. Diário de bordo.

Abstract

The article discusses narratives produced by Pedagogy students produced based on the movie Milk, as an activity proposed in the context of a course that discusses issues related to genders and sexualities. The narratives of students, written as logbooks, announce ways of thinking and dealing with the homosexualities constructed from the viewpoint of Christian Religious Discourse. Discomfort and strangeness derived from the observation of images of kissing and sexual practices among men, connected to a visibility and invisibility policy, were reported. The text announces an educational project based on the problematizing of an uneasiness of the self, considering the process of writing as part of this training exercise

Keywords: Teacher formation. Homosexualities. Religious discourses. Logbooks.

Roney Polato de Castro

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: roneypolato@gmail.com

Introdução

O que pode uma formação docente? Que processos de subjetivação e dessubjetivação podem ser exercitados numa formação docente? Tomando a ideia de formação como algo que não se limita a movimentos ritualizados e enquadrados, de transferência de saberes ou técnicas pedagógicas, este artigo se organiza em torno das possibilidades de uma formação docente na qual algumas preocupações se fazem centrais: como nos tornamos o que somos? De que modos passamos a pensar o que pensamos? Uma formação docente pode contribuir para nos colocarmos em processos de dessubjetivação? Buscando inspiração em Foucault (2001), até onde seria possível fazer, pensar e ser diferentemente, em vez de legitimar o que já fazemos, pensamos e somos? Com essas perguntas proponho pensar em um processo formativo que toma como elementos centrais as questões relativas aos gêneros e sexualidades, algo que atravessa a formação nos currículos das licenciaturas, mas que nem sempre é problematizado.

Entre formação docente e sexualidades, experiências vão se produzindo e se atravessando. Experiências produzidas com uma disciplina do curso de Pedagogia de uma universidade pública federal que intenta discutir com as estudantes¹ elementos para pensar o mundo e a si mesmas, de que modos esse mundo produz o que pensamos sobre sexualidades e relações de gêneros, de que modos nós nos posicionamos nesse mundo a partir dessas concepções. Este texto se constrói com essas experiências, relacionando-se a uma trajetória de estudos e pesquisas no campo das relações de gênero, sexualidades e educação, porém, vinculando-se, mais particularmente, a dois movimentos de pesquisa.

Primeiramente, uma pesquisa de doutorado (Castro, 2014) que teve como foco as experiências da disciplina ‘Tópicos Especiais: Gênero, Sexualidade e Educação’ (TEGSE), ofertada a estudantes de Pedagogia. Uma pesquisa que investigou processos de subjetivação e constituição de experiências de formação docente nas tensões e negociações vividas pelas estudantes ao cursarem a disciplina e produzirem narrativas de si e do

¹ Raramente estudantes autoidentificados como homens buscam a disciplina. Algo que também está relacionado às concepções que cercam a escolha e permanência no curso de Pedagogia. Sobre essa discussão ver Castro e Souza (2016).

mundo em diários de bordo. A pesquisa lançou mão dessas narrativas e produziu análises das escritas das estudantes.

Mais recentemente, vem se produzindo uma pesquisa que investiga concepções de docentes de duas escolas públicas acerca dos atravessamentos entre relações de gênero, sexualidades, discursos religiosos e educação. O acirramento dos debates contemporâneos sobre esses temas instiga a pensar que a problematização das relações de sujeição a um código moral religioso pode construir uma ética de submissão às normas codificadas, mais que experiências religiosas como práticas de liberdade. Sendo assim, considero relevante ampliar as análises sobre relações de poder e processos de subjetivação envolvidos nos modos como professoras e professores pensam e lidam com os discursos religiosos e com a diversidade sexual e de gênero nas escolas em que atuam.

Os dois movimentos de pesquisa aqui mencionados relacionam-se à constatação de um recrudescimento de certa moral religiosa que se organiza em torno da manutenção/reiteração da heteronormatividade e dos binarismos de gênero, algo que vem se constituindo como um desafio às discussões sobre as relações de gênero e sexualidades no campo social contemporâneo e nas escolas. O argumento é que essa “virada conservadora” se organiza em resposta às transformações sociais e culturais recentes, que envolvem novos direitos e leis em prol da erradicação de desigualdades e violências e do reconhecimento público da legitimidade das múltiplas identidades sexuais e de gênero (Natividade e Oliveira, 2013). Portanto, pensar a formação docente, inicial e continuada, para as questões das sexualidades e dos gêneros envolve pensar que sujeitos, grupos e igrejas vêm se colocando contrários à pluralização das sexualidades e gêneros, num cenário de embates, disputas no campo das leis e políticas públicas, conflitos, no que tange às iniciativas que buscam discutir essas temáticas nas escolas, nas universidades e no plano social mais geral.

No debate público contemporâneo, podemos citar discussões agudas que habitam o cotidiano das escolas e as mídias de modo geral. Assistimos à polêmica em torno do kit anti-homofobia, apelidado pejorativamente de *kit-gay*, por políticos conservadores ligados às bancadas religiosas cristãs no Congresso Nacional. Um kit composto de materiais que seriam direcionados às professoras e professores que atuam no Ensino Médio, mas

que foi sumariamente proibido devido às pressões dessas bancadas. Mais recentemente, assistimos à discussão em torno da aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), quando deputados/as da bancada religiosa se opuseram, veementemente, à redação do artigo 2º do então projeto de lei, que se relacionava à superação das desigualdades educacionais por meio da promoção da igualdade racial, regional, *de gênero e de orientação sexual*. Os/as deputados/as afirmavam que se tratava da imposição de uma *ideologia de gênero*, contrária aos valores morais e que, portanto, temiam pela *destruição da família* e pela corrupção das crianças e dos/as jovens. Ecos do planalto ressoaram para as assembleias estaduais e câmaras municipais, gerando protestos contra a aprovação de planos estaduais e municipais que mencionassem termos como *gênero, igualdade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual*. Essa trama político-social atravessa os projetos educacionais e de formação docente. Cabe, portanto, problematizar experiências e relações que se constituem com essa trama discursiva, pensando que ela instaura certos modos de relação dos sujeitos da educação com os processos educacionais, a partir de suas experiências religiosas.

A proposta

Neste artigo, o foco recai sobre experiências de formação inicial com estudantes de Pedagogia, a partir das análises do primeiro movimento de pesquisa, anteriormente referido. Proponho um recorte de uma das ações que compõe a disciplina TEGSE: a experiência com um filme: *Milk – a voz da igualdade*². Uma proposta e uma tarefa, mas, sobretudo, um convite: deixar-se inquietar por um filme.

Início da década de 1970. Harvey Milk, ativista homossexual, primeiro político assumidamente gay a ocupar um cargo público na Califórnia (EUA). Uma vida narrada que se transformou em filme. Na disciplina: a experiência de assistir ao filme. Um convite: deixar-se inquietar pela política e pela poética do filme. Uma tarefa: partindo da disciplina e das problematizações que colocava em exercício, o filme se constituiu como artefato cultural implicado na produção de sujeitos, cujo enredo constrói-

se com discursos sobre sexualidades, gêneros, corpos. O filme é parte de uma rede discursiva que coloca em circulação certos enunciados e circunscreve significados culturais e relações de poder no que tange, em especial, às homossexualidades e à movimentação política ligada ao, então, movimento homossexual. O objetivo de assistir ao filme era, nesse sentido, incitar a discussão dos conteúdos por ele disponibilizados, associando às discussões realizadas na disciplina, seguida do registro narrativo no diário de bordo e discussão em aula.

Uma provocação: assistir ao filme e deixar-se inquietar com ele, produzir sentidos a partir dessa relação, sentimentos, sensações, movimentar concepções, valores, crenças, com o enredo, das imagens, dos/as personagens e suas ações. Inserir-se nos jogos subjetivos de produção de sentidos sobre si e sobre o mundo, em negociação com os significados culturais.

Para as análises, elegi narrativas escritas pelas estudantes em seus diários de bordo, como modo de conhecer e problematizar a relação que elas estabeleceram com o enredo e as imagens do filme, sobretudo considerando que a temática desse artefato tem como foco as homossexualidades.

Produzindo escritas em diários: mobilizando os processos formativos

Neste artigo, trago para a cena analítica as escritas de estudantes produzidas com um filme em uma atividade proposta na disciplina TEGSE. Importante destacar que o que estou denominando de *diário de bordo* é um artefato construído para registrar os movimentos de pensamento, sentimentos, provocações instituídas pelas aulas. Estou tomando a disciplina como um convite – aceito em maior ou menor dimensão e às vezes recusado – para que as estudantes passem a olhar para si mesmas. Desse modo, investigar com os diários possibilita acompanhar os processos de elaboração construídos por meio das discussões que são articuladas nas aulas. Por sua vez, as aulas e os diários de bordo funcionam como mecanismos desse processo, com o qual as estudantes produzem narrativas de si mesmas, enunciados de uma rede discursiva que envolve as aulas e vai muito além delas, englobando regimes discursivos mais amplos (discurso moral, religioso cristão, jurídico, biológico, pedagógico)

² Milk – a voz da igualdade. Direção: Gus Van Sant. 2008. EUA. Biografia/Drama. Universal Pictures.

(Castro, 2014).

A cada início de semestre era solicitado às estudantes que produzissem, ao longo de todo o período letivo, um diário, no qual deveriam ser registrados os movimentos de análise empreendidos com base nas aulas da disciplina, relacionando-as a fatos ocorridos no cotidiano (convivência familiar, acadêmica, social; estágios e prática profissional) e a artefatos culturais (programas de TV, matérias de jornais e revistas, músicas, filmes, entre outros) com os quais as estudantes têm contato e que podem suscitar conexões com os textos e as discussões das aulas. O objetivo principal foi o de produzir registros narrativos que acompanhassem os processos subjetivos provocados pela formação durante as aulas e para além delas. Ao todo, ao longo de quatro semestres de desenvolvimento da disciplina TEGSE, foi recolhido um total de 96 diários de bordo, tendo sido realizada uma *seleção* para as análises tomando como critério a maior aproximação com a proposta de escrita (que não se limitasse a descrever as aulas ou reproduzir trechos dos textos).

Transcorridos mais de cinco anos em que a disciplina vem sendo oferecida semestralmente para o curso de Pedagogia, foi possível notar que, em se tratando dos temas relacionados aos gêneros e às sexualidades, a participação nas discussões pode ser difícil para algumas estudantes. Expressar suas concepções, suas crenças e valores pessoais, participar de debates envolvendo a problematização desses elementos, é um processo que pode deixá-las desconfortáveis (e, em certa medida, esse é o objetivo), limitando sua participação nas aulas. Assim, o diário de bordo foi pensado também como uma das estratégias para que as estudantes pudessem se expressar e para que, como docente da disciplina e pesquisador, pudesse conhecer as questões que as instigaram. Outras estratégias utilizadas com o objetivo de estimular a participação envolveram o uso de imagens, vídeos e de filmes, como *Milk – a voz da igualdade*, de modo a provocar debates. Também utilizamos estudos de casos trazidos pelas próprias estudantes.

Minha *leitura* se fez com um olhar completamente *contaminado* pelas perspectivas pós-estruturalistas e foucaultianas, com foco na linguagem em seu caráter performático e constitutivo de existências, nos discursos e relações de poder, que produzem processos de

subjetivação, e na contingência do processo de formação docente atravessado por jogos de verdade, resistências e capturas. Nesse âmbito, optei por uma análise pontual dos diários, ou seja, não pretendi traçar uma trajetória das estudantes por meio das escritas, mas, tratei de analisá-las a partir do que se destacava na relação com a disciplina e nos modos de olhar (outras lentes) para as temáticas. A opção também foi pela análise de um maior número de diários, o que tornaria a análise da trajetória de cada estudante inviável. Apesar disso, as análises também se configuraram como processuais, entendendo que os sujeitos estão em processo formativo.

A aposta da disciplina colocaria em funcionamento certas práticas de si que podem desconstruir modos de se tornar docente. A proposta é de uma formação *ética-estética-política*: constituir modos de conduzir-se na docência e na vida, tecendo subjetividades menos normatizadas, recusando o jogo do poder como dominação e estratégia de subjugação do outro. O projeto formativo da disciplina TEGSE seria como uma composição de técnicas de si, pelas quais as estudantes se ocupam consigo mesmas e exercitam modificações éticas que as *arrancam* de seu *status* de invisibilidade dos modos pelos quais as relações de gênero e as sexualidades são construídas e posicionadas em jogos de poder que hierarquizam e subordinam. Técnicas que incluem o ver-se, o narrar-se e o pensar-se enredadas por esses jogos, o contato com ideias antes impensadas sobre os gêneros e as sexualidades, com diferentes (e por vezes divergentes) modos de pensar, sentir e agir diante dessas ideias (Castro, 2014).

O modo como a disciplina TEGSE funciona sugere às estudantes essa *atitude geral* de vigilância de si, como propõe Foucault (2011), não apenas no sentido de terem atitudes consideradas *politicamente corretas*, mas apontando direcionamentos para outros modos de lidar com as questões centrais da disciplina, em especial quando se trata das formas normatizadas de relação consigo e com os outros. A disciplina conclama ao cuidado de si como um modo de estar no mundo, praticando ações, relacionando-se com outros, mas também como *forma de atenção* ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Como viver nessa intranquilidade? Como constituir um modo de viver com questões antes impensadas? As estudantes narraram em seus diários de bordo alguns dos conflitos vivenciados no processo de se envolver com a disciplina

TEGSE, narrativas que apresentam o movimento para constituir modos de lidar com a problematização de si.

A escrita nos diários, nesse contexto, é um processo que envolve as estudantes, como docentes em formação, no exercício do pensamento reflexivo sobre si mesmas e sobre as vivências na disciplina TEGSE. Termos bastante característicos parecem inserir-se nas escritas dessas estudantes – *desconstruir, inquietações, novos olhares, indignações* – em meio a um vocabulário que, apesar de conhecido, toma outros contornos – *pensar, refletir, experiências, cotidiano, preconceitos*. Argumento que, para além da própria escrita, os temas discutidos provocam, inquietam, incomodam, na medida em que são tomados como objeto de pensamento, de tal modo que não ficam contidos nas aulas, extrapolam, desdobram-se para a vida.

A escrita figuraria como um elemento de voltar-se a si mesma, investigar suas práticas, concepções, memórias e fazer algo com essas reflexões, ou seja, um constante construir sua docência. Assim, ela pode funcionar como atividade de formação, que movimenta as estudantes em direção de si mesmas e dos seus processos formativos, porém, não com o objetivo de descobrir uma interioridade até então desconhecida, mas, para darem-se conta dos processos que constituem a docência, que movimentam o sujeito na produção de experiência. Ou seja, a experiência como a trama de discursos e práticas, de relações de poder e jogos de verdade, que produzem o sentido de quem somos, que nos colocam diante de nós mesmos como objetos de saber e de ação moral (Foucault, 2001). A transformação, nesse caso, não tem qualquer objetivo desenvolvimentista ou evolutivo, que levaria o sujeito a um formato definitivo ou a uma maturidade, mas estaria mesmo ao lado do movimento de tornar-se (Castro, 2014).

Os saberes que habitam as aulas, textos, filmes e demais artefatos instauram certos modos de saber e colocam em funcionamento certas relações de forças dos sujeitos entre si e destes consigo mesmos. A disciplina não se limita a mediar saberes e aprendizagens. Como *dispositivo pedagógico* ela, efetivamente, contribui para a construção de subjetividades, por meio da problematização da experiência de si (Larrosa, 2002). Nesse contexto, os diários de bordo assumem um importante papel ao instaurar certos modos de *atenção e ocupação* das

estudantes consigo mesmas, a partir de uma preocupação com a escrita, ou seja, o que escrever, de que modos escrever, o que seria um *bom* diário, uma *boa* escrita, entre outros aspectos.

As narrativas das experiências que compõem o diário de bordo de cada estudante podem ser analisadas como um investimento em um ritual que exige parar para pensar, para articular ideias e, mais importante, se autoanalisar. Assim, a narrativa escrita nos diários poderia estar funcionando como um tipo de escrita de si (Foucault, 2006). Uma escrita como *invenção de si*, na medida em que possibilita construir e reconstruir acontecimentos, ideias, memórias, imagens e representações, uma estratégia que coloca processos de subjetivação implicados no que as estudantes podem se tornar, não no sentido de assujeitamento aos poderes normatizantes, mas de abertura e investimento em novas formas de estar no mundo.

Experiências com o filme: estranhamentos de beijos, prazeres *estranhos*

Ver o filme foi algo inquietante, ainda mais com meu marido, e apesar de já conhecer a história, tanto ele quanto eu ficamos inquietos e sem jeito durante algumas cenas do filme. Vou ser sincera, não temos o costume, ou melhor, nunca tinha visto um filme com relações homossexuais tão explícitas, por isso sentimos o desconforto em algumas cenas. Sempre, não só nos filmes, vemos o tempo todo relações heterossexuais, o que é “normal”, e quando nos deparamos com cenas homossexuais acontece o desconforto. (Tamara – 1º/2014³).

Surpresa, choque, desconforto, estranhamento foram os termos mais comuns para se referir à experiência de assistir ao filme *Milk – a voz da igualdade*. Tais manifestações se justificariam pelo fato de haver cenas envolvendo relações sexuais e demonstrações de afetos entre homossexuais masculinos. Isso parece ter sido o que mais incomodou as estudantes. Os motivos para esses sentimentos foram narrados por algumas delas:

³ Todos os nomes das estudantes foram substituídos por pseudônimos para garantir seu anonimato. A referência à frente do nome refere-se ao semestre e ao ano em que a disciplina foi cursada. Os excertos dos diários das estudantes foram propositalmente transcritos em itálico.

No começo do filme algumas cenas de sexo e afeto entre dois homens me assustaram bastante, até pensei em parar de ver, sinceramente. (Denise – 1º/2014).

A princípio quando o filme começou logo passou uma cena de beijo entre Milk e o seu companheiro Scott, pra mim essa cena foi tranquila, não me causou um estranhamento. Ao longo do filme passou cenas de relações sexuais entre eles e eu fiquei incomodada, mas foi um incômodo digamos que passageiro. Acho que foi mais um estranhamento, pois estou mais acostumada a ver, principalmente em novelas e filmes, homens e mulheres se relacionando entre si e não homem com homem ou mulher com mulher. (Tamara – 1º/2014).

Eu gostei do filme, apesar de sentir desconfortável com as cenas de beijo homoafetivas, talvez seja preconceito da minha parte devido à sociedade ter imposto que só beijos heterossexuais são normais, mas creio que com o passar do tempo esse meu desconforto acabe. (Catarina – 2º/2011).

Infelizmente não tive a oportunidade de assistir o filme com outra pessoa porque quando eu disse para minha mãe que tinha cena de beijo gay (eu não devia ter dito) ela não quis assistir, segundo ela, respeita, mas não gosta de ficar olhando! (Cassandra – 1º/2014).

Ao ver esse filme, logo no começo já me choquei, pois não estamos acostumados a ver beijos homossexuais na TV. (Roberta – 2º/2011).

É curioso como tenho muito bem resolvido em mim essa questão da homossexualidade e obtive, em um primeiro momento, um olhar de estranhamento frente à primeira cena do filme Milk - A voz da igualdade, em que um casal, cujo gênero era masculino, se beijava. Por que será que isso aconteceu? Nesse caso, entendo que por mais esclarecimento e conformidade com a situação que você tenha, ainda

sim está inserido em uma sociedade que muitas vezes não deixa que você coloque em prática toda a ideologia construída por você. É fato que a todo momento somos enquadrados à norma padrão e transgredir não é fácil. (Maria Paula – 1º/2012).

Hum... sabe o que fiz essa semana? Assisti o filme "Milk – A voz da igualdade" indicado pelo professor e assisti com a minha mãe! Aliás, diz ela que assistiu né! Rsrrsrs... Na verdade ela ficou o tempo todo tirando o esmalte da unha e quando aparecia cena de beijo ela falava assim "Ah!!! Mas é muito nojento não é não?". Eu: "Ah mãe! Deixa eles serem felizes!". E foi assim o tempo todo, o filme todo, em todas as cenas de beijo. Foi estranho assistir o filme com ela, na verdade eu já imaginava que a reação dela seria essa, pelo fato dela ser bem machista... (Arlete – 1º/2012).

Assisti ao filme acompanhada pelo meu namorado. [...] Não disse nada sobre o assunto e ele muito atencioso procurou o filme, que segundo ele foi difícil de encontrar, e baixou. [...]. No domingo ele mesmo lembrou que eu tinha que ver o filme e então ele me contou que havia lido a sinopse, mas que iria assistir comigo, sem nenhum problema, porém ressaltou que se tivesse cenas de beijo ele iria tapar os olhos. E foi justamente o que aconteceu. Munido com um edredon, ele assistiu o filme todo, achou justa a luta e toda a manifestação, mas quando passava cenas de carinho entre homens ele ficava apavorado e tampava os olhos. (Ana Beatriz – 1º/2014).

Podemos nos colocar a pensar nos motivos que produzem o estranhamento diante de expressões sexuais e afetivas entre pessoas de mesmo gênero. Assistimos, cotidianamente, a beijos entre pessoas de gêneros diferentes na TV, nos filmes, na publicidade, na Internet, nas ruas, nos ônibus, em casa. Por que esses beijos não causam estranhamento? Em uma sociedade heterossexista, regulada pela heteronorma, cuja guardiã é a LGBTTifobia⁴, era de se esperar que esse estranhamento, na forma de espanto, surpresa e desconforto, acontecesse.

⁴ Referência ao preconceito, discriminações e todo tipo de violências direcionadas às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais.

Como escreve Catarina: “talvez seja preconceito da minha parte devido à sociedade ter imposto que só beijos heterossexuais são normais”. O que as estudantes fazem nas narrativas acima colocadas é posicionar-se com base no estranhamento. Algo que talvez seja fruto da disciplina, das provocações que já vínhamos fazendo nas aulas. “É fato que a todo momento somos enquadrados à norma padrão e transgredi-la não é fácil”, escreve Maria Paula.

Beijos entre homens não seriam, sob o olhar das estudantes, práticas comuns. Há uma política histórica de in/visibilidade das homossexualidades que se expressa na negação de qualquer aproximação afetiva em público e trocas de carícias sob o olhar de outras pessoas – heterossexuais ou aquelas que estão subjetivadas pelos ditames da heteronorma. Como escreve Tamara “estou mais acostumada a ver, principalmente em novelas e filmes, homens e mulheres se relacionando entre si e não homem com homem ou mulher com mulher”. A reiteração da norma heterossexual se faz por dois aspectos que o beijo entre homens parece corromper. Em primeiro lugar, a coerência gênero-sexualidade, ou seja, para serem homens verdadeiros é desejado que sejam heterossexuais. Tal embaralhamento se produz também por uma ideia de complementaridade no par binário homem-mulher, que conforma as práticas sociais e a compreensão de que haveria uma normalidade nessa disposição. Em segundo, podemos pensar que o beijo entre dois homens expõe as fissuras da heteronormatividade, que se pauta na naturalidade da heterossexualidade. Expõe, desse modo, a necessidade de reiteração cotidiana da norma, por meio de pedagogias que investem sobre os sujeitos a partir da construção de significados culturais bem marcados. Das novelas aos filmes, das propagandas às músicas, dos desenhos animados às histórias clássicas, dos *outdoors* aos rótulos de produtos comercializados, a união entre um homem e uma mulher é constantemente estampada, tornando-se, portanto, legítima, normal. Uma política de visibilidade e invisibilidade. Quando insistem em se mostrar, as práticas afetivas e sexuais entre pessoas de mesmo gênero provocam repulsa, aversão, a exemplo do que a mãe da estudante Arlete afirma: “Ah!!! Mas é muito nojento não é não?”.

Frequentemente podem ser lidas notícias de casais homossexuais que sofrem sanções por expressarem afeto em público, nas ruas, nos *shoppings centers*. O

afeto incomoda, causa desconforto, expõe o preconceito. A vigilância e a punição do afeto são estratégias de poder para reafirmar a centralidade da norma através da inferiorização de práticas e sujeitos enquadrados como marginais. Portanto, é preciso que existam *beijos gays* para que recebam a punição exemplar que indicará às demais pessoas o que acontece àqueles/as que ousam romper os limites da norma. Porém, podemos analisar que a existência dos *beijos gays* cumpre o papel de desestabilizar a norma, de provocar o estranhamento e dar visibilidade às múltiplas formas de afeto, tão legítimas quanto as heterossexuais. O beijo é político. Recentemente acompanhamos a polêmica em torno do beijo entre duas atrizes numa novela exibida em horário nobre. Um *beijo lésbico*? Um beijo? Não foi o primeiro beijo entre pessoas de mesmo gênero nas novelas brasileiras. O espanto, o nojo, o ódio se renovam a cada beijo, que expõe preconceitos e mostra a relevância da visibilidade.

A estudante Cassandra diz que sua mãe “respeita, mas não gosta de ficar olhando!”. Já Ana Beatriz escreve sobre as condições para seu namorado assistisse ao filme: “se tivesse cenas de beijo ele iria tapar os olhos”. O que produz um beijo entre pessoas de mesmo gênero? Por que não olhar? Olhar, constatar a existência do beijo, pensar e, sobretudo, sentir algo com o beijo. Excitar-se com o beijo poderia denunciar uma possível homossexualidade? Poderia produzir novos desejos? Poderia expor o desejo por experimentar outros afetos? “Munido com um edredon, ele assistiu o filme todo, achou justa a luta e toda a manifestação, mas quando passava cenas de carinho entre homens ele ficava apavorado e tampava os olhos”. Cobrir os olhos pode também significar a tentativa de manter o beijo no plano das fantasias, do que não existe na imanência, mas como possibilidade, como desejo. Enfim, quando questionadas em sala de aula sobre as experiências com o filme, ouvi de muitas estudantes que era a primeira vez que viam um beijo entre dois homens. Se não estivessem matriculadas em uma disciplina que discute questões relativas aos gêneros e sexualidades e não tivessem que assistir ao filme como uma atividade da disciplina, quando teriam a oportunidade de ver esse beijo? E, sobretudo, quando teriam a oportunidade de discutir as implicações dessa política de in/visibilidade?

Entre filme e experiência religiosa: incômodos e desestabilizações

O professor propôs de assistirmos ao filme “Milk – A voz da igualdade”. Confesso que depois que assisti me arrependi profundamente porque duas cenas de sexo incomodaram-se muito, pois jamais assistiria se soubesse disso. Pode pensar que sou ultrapassada, boba, sei lá... Mas não consigo e nem quero achar isso normal. Além do mais todos nós temos valores e concepções que precisam ser levados em consideração. Por ser evangélica tem muita coisa que eu não concordo. Mas, como tinha que assistir para discutirmos em sala acabei vendo. Como as meninas já me conhecem elas vieram me perguntar depois se eu tinha visto a tal cena. Disse que sim, porém se soubesse da mesma não tinha assistido. Fiquei bastante insatisfeita nessa semana. Mas, isso faz parte da vida! Bola pra frente! (Cremilda – 2º/2011).

Arrependimento, incômodo, insatisfação. A relação da estudante Cremilda com o filme provocou sentimentos que a desestabilizaram. Houve uma primeira *decepção*, já que o que se espera de um filme, frequentemente, é o divertimento. A estudante não teria assistido ao filme se soubesse que haveria *cenas de sexo* entre homens. O fato de a experiência da estudante com o filme ter sido mediada pela sua experiência religiosa, que apregoa as homossexualidades como comportamentos desviantes e anormais, teve importante papel na produção desses sentimentos: “*Além do mais todos nós temos valores e concepções que precisam ser levados em consideração. Por ser evangélica tem muita coisa que eu não concordo*”. Diante dessa experiência, a estudante deixa clara sua posição: “*não consigo e nem quero achar isso normal*”.

A repulsa às expressões afetivas e sexuais entre pessoas de mesmo gênero insere-se no sistema heterossexista que apregoa a norma heterossexual, hierarquizando e subalternizando as demais sexualidades, conferindo-lhes o lugar da abjeção. “O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante.” (Miskolci, 2012: 40). Cremilda se arrependeu profundamente, já que as cenas de beijos e trocas de carícias parecem tê-la ofendido ou, pelo menos, perturbou sua convicção religiosa-moral de que

relacionamentos e carícias são válidos apenas para casais compostos por um homem e uma mulher. Assim, o fato de a estudante não achar normais tais ações poderia ser caracterizado como uma injúria, que “classifica alguém como ‘poluidora’, como alguém de quem você quer distância por temer ser contaminado” (Miskolci, 2012: 40). Outra estudante parece corroborar esses sentimentos:

Esta semana vimos o filme Milk. Sabendo do assunto que o filme trataria, resolvi vê-lo em uma hora que eu estivesse sozinha em casa. E assim aconteceu. Em um sábado a noite que meu marido e minhas duas filhas foram para a casa da avó eu vi o filme. Confesso que o fiz sem nenhum interesse. Também não gostaria que minhas filhas ou marido me vissem assistindo aquele filme. [...] Quanto a minha visão religiosa, pretendo estar usando mais algo que também me foi passado durante toda a minha vida pela igreja, que é a questão da liberdade. Segundo minha religião Deus não impõe sua vontade, Ele nos da liberdade para escolher o que mais nos agrada. Acho que vou por esse caminho. Devo confessar que aquelas imagens de dois homens se beijando chocaram bastante. Cresci ouvindo meus pais falarem: “Deus fez homem e mulheres e o que passar disso é perversão, é procedência maligna”. Isso para mim é muito forte. Fui criada dentro de um contexto católico, hoje sou crente, mas as concepções pouco mudaram. Quando vejo dois homens juntos em um contexto mais íntimo, parece que uma há uma luz vermelha lá no fundo alertando: procedência maligna, procedência maligna! Por esse motivo não gostaria que uma de minhas filhas ou meus irmãos fossem homossexuais. Tenho boas relações com homossexuais porque reconheço que eles são pessoas como eu, e que merecem ser respeitados em suas escolhas, sejam elas quais forem. A minha igreja reconhece que a sexualidade não é algo fixo, ela pode mudar, neste sentido é recomendado que quem tem filho homem deve educá-los para serem homens. Assim concluo que a direção da igreja também vê a sexualidade como construção cultural, já que recomendam corrigir para coibir tais manifestações. (Gisela – 2º/2011).

Assistir ao filme às escondidas, sem nenhum interesse, somente por ser uma tarefa da disciplina. Que outras oportunidades essas estudantes teriam de construir

tal experiência de confronto entre seus valores e crenças e outras possibilidades de existência? Se não fosse uma tarefa, se não fosse nessa disciplina, certamente, o filme não seria assistido. Se não há mudança nesses valores e crenças, ao menos a disciplina cumpriu o objetivo de apresentar outras possibilidades das sexualidades e desestabilizar certezas aparentemente muito cristalizadas e intocadas. A estudante Gisela compartilha de muitos dos incômodos manifestados por Cremilda, inclusive elas têm em comum o fato de ter *lido* o filme com o olhar de sua constituição religiosa cristã, o que proporcionou às estudantes ter que se deparar com o abjeto, ou seja, aquilo que é temido e recusado com repugnância, porque ameaça a visão homogênea e estável da realidade (Miskolci, 2012). A vergonha sentida por Gisela em ter que assistir ao filme fez com que ela esperasse estar longe da família. Ao que parece, o filme lhe pareceu algo horrendo, vergonhoso, temível. Antes mesmo de assisti-lo, a estudante já fazia essa *leitura*, seu olhar previamente constituído pelos discursos acerca das homossexualidades mediou a experiência de ter que assistir ao filme. Scott (1999) sugere que os sujeitos são constituídos discursivamente, sendo, portanto, a experiência um evento linguístico, que não acontece fora de significados estabelecidos, mesmo sem estar confinada a uma ordem fixa de significados.

Um discurso religioso cristão aparece com intensidade: “*Deus fez homem e mulheres e o que passar disso é perversão, é procedência maligna*”. Em suas pesquisas, Natividade (2006) aponta que uma das dimensões afirmadas pelas religiões evangélicas em relação às homossexualidades é o fato de se considerar que ela é causada por transtornos espirituais, como se demônios fossem sexualmente transmissíveis, portanto, esse pecado deve ser evitado porque permitiria a infestação por seres malignos. “*Quando vejo dois homens juntos em um contexto mais íntimo, parece que uma há luz vermelha lá no fundo alertando: procedência maligna, procedência maligna!*”. Retomando o argumento da política de invisibilidade, poderíamos dizer que constatar no filme as carícias, beijos e o sexo entre homens, reforça a ideia de que existiria ali algo de errado, aciona na estudante outras imagens que não encontram reverberação: ao acionar imagens de beijos em suas memórias, a estudante parece não encontrar dois homens ou duas mulheres. Uma luz vermelha se acende: alerta para o fato de que tal cena seria

inviável, indesejável, incomum.

Outra problematização relativa à *leitura* do filme feita sob a ótica religiosa cristã é em relação à lógica apresentada pela estudante de que na igreja a sexualidade também seria uma construção cultural, já que pode mudar. A homossexualidade pode ser corrigida e coibida e a recomendação é a de que quem tem filho homem deve educá-lo para ser homem. Ser homem, portanto, requer que seja heterossexual, ou seja, deve-se educá-lo para se tornar um homem heterossexual, mantendo a coerência entre gênero e sexualidade. Como discute Natividade (2006), “a adoção de um posicionamento construtivista por parte dos evangélicos deixa margem à possibilidade de gerenciamento dos corpos na produção de uma sexualidade dentro dos limites determinados pela doutrina” (p. 120). Partindo do pressuposto de que o *homossexualismo (sic)* é um comportamento adquirido, o sujeito poderia modificar seus desejos, adequando-os ao instituído pela religião. Ao contrário do que afirma a Gisela, a posição de sua igreja estaria mais próxima de um “construtivismo moral”, que recorre a argumentos essencialistas para justificar a posição anormal e desviante do comportamento homossexual.

O discurso moralizante da religião aparece com muita força também no enredo do filme Milk, especialmente através da personagem Anita Bryant, que se opunha publicamente às conquistas de igualdade de direitos pelas pessoas homossexuais, usando sua popularidade numa campanha intitulada “Salvem nossas crianças”, contra a lei que proibia a discriminação por orientação sexual no condado de Dade (Flórida-EUA). Outro personagem que fazia oposição pública às pessoas homossexuais era o senador John Briggs, que, ao se aliar à campanha de Anita, propõe uma lei em que docentes homossexuais seriam demitidos/as, supostamente por serem “pervertidos/as” e “pedófilos/as”. Considerando os modos de endereçamento e em como os filmes *erram* seus alvos (ELLSWORTH, 2001), estou inclinado a arriscar uma interpelação e uma identificação desses personagens com as estudantes Cremilda e Gisela, pois suas escritas nos diários de bordo vão ao encontro das proposições de Anita e Briggs no filme.

Apesar de não discriminar e respeitar cada um com sua sexualidade, não concordo com a prática homossexual, que ao meu

ver, e de acordo com o que creio como cristã, vai contra o que a bíblia diz, sobre a constituição de homem e mulher. (Liamara – 1º/2014).

Chamei uma amiga para ver o filme comigo, quando falei sobre o que se tratava ela ficou um pouco desanimada, mas disse que ia assistir comigo. Ao fim do filme, minha amiga disse que não gostou e passou um sermão da bíblia, dizendo que homem e mulher devem se unir e que esse tipo de filme incentiva as pessoas a experimentarem essa vida, mas apesar de tudo ela respeita, pois cada um tem sua vida. (Josana – 1º/2014).

Ao mesmo tempo em que considero que os gays têm conquistado seu espaço como qualquer indivíduo, percebo também que infelizmente o preconceito continua, como por exemplo a visão religiosa que é posta no filme. Percebo isso no cotidiano em que o homossexual é visto como um perigoso, do mal e que leva as pessoas para o mau caminho. Por exemplo, na última eleição para prefeito de Juiz de Fora-MG uma candidata não ganhou, porque as pessoas acreditavam que ela fosse lésbica. Teve uma certa igreja que proibiu seus fiéis de votar nela, mesmo sabendo que o candidato concorrente não seria o ideal. Não importa se as pessoas são competentes, leais, pois sendo homossexuais suas qualidades são invalidadas. (Catarina – 2º/2011).

A imagem da homossexualidade construída por esse discurso religioso cristão mostra-se homogeneizante e absolutizadora. Primeiro, porque constrói uma homossexualidade padrão, aplicável a quaisquer sujeitos que apresentem comportamentos ou desejos desviantes do padrão heterossexual, fato que invisibiliza a multiplicidade de constituições subjetivas das sexualidades e os modos como são construídas nas tensões e negociações vividas nas relações sociais. Segundo, porque lida com os sujeitos rotulando-os: não uma pessoa, mas o/a homossexual. Essa absolutização caracteriza-se também pela associação de valores negativos a esse rótulo, a essa imagem cristalizada. A linguagem cotidiana reveste-se de verdade ao acionar o texto bíblico para dizer da constituição de homem e mulher, sujeitos fixos e complementares. Nesse sentido, os afetos, os beijos, as imagens e a própria discussão que

englobe as multiplicidades sexuais e de gênero podem ser ameaçadoras, podem *puxar o tapete*, desestabilizar essas verdades.

Proponho pensar um discurso religioso cristão que constitui experiências de assujeitamento, mas também pode produzir experiências de liberdade, como foi possível acompanhar nas narrativas de algumas estudantes, em diálogo com o que argumentou Foucault (1999) em relação às sexualidades. Talvez seja interessante ressaltar menos o caráter *repressivo* de um código moral-religioso-cristão e mais seu caráter *produtivo*, seu efeito sobre os sujeitos, sobre as relações sociais e os processos políticos de mudança social. Segundo Natividade e Oliveira (2013), os enunciados que desqualificam as sexualidades não-heterossexuais devem ser encarados como performativos, produzindo, simultaneamente, o sujeito que fala e o objeto enunciado. Do mesmo modo, as proposições que visam ao questionamento desses enunciados podem produzir outros efeitos. Considerando a formação docente e sua relação com as práticas pedagógicas escolares, estaríamos colocando em circulação outros discursos e, possivelmente, produzindo efeitos de pluralização.

Considerações finais

Muito, muito, milhões de vezes, muito bom. Chorei horrores! Esse filme só serviu para que a minha revolta crescesse e para que eu visse que de fato é preciso mesmo lutar. Cada um de sua forma, mas que se lute. Como no filme, Harvey coloca: 'É mais do que um problema. Estamos lutando pelas nossas vidas. Sem esperança, não vale a pena viver'. Não tenho nem muito o que falar, gostei do filme todo. (Andressa – 2º/2011).

O filme me causou um certo desconforto, pois mesmo estudando os gêneros e quebrando alguns preconceitos, me tira da "zona de conforto" de ver só casais héteros se agarrando. Isso vem um pouco de uma criação conservadora que não me deixava ver cena de beijo na TV, quanto mais de sexo. Até hoje não me sinto a vontade vendo, me acostumei a virar o rosto, mudar de canal... então, tentei ver como mais um filme relatando sobre a luta de uma classe por seus direitos. (Liamara – 1º/2014).

Retomo as questões que iniciaram este texto: o que pode uma formação docente? Que processos de subjetivação e dessubjetivação podem ser exercitados numa formação docente? Uma formação docente pode contribuir para nos colocar a fazer, pensar e ser diferentemente, em vez de legitimar o que já fazemos, pensamos e somos? A argumentação proposta neste artigo conduz a pensar que uma formação pode fazer algumas coisas com as estudantes. Servir para que a revolta cresça, para que se perceba a relevância de lutar pelos direitos, cada um/a a seu modo. Causar desconfortos, quebrar alguns preconceitos, tirar da *zona de conforto*. Porém, essa argumentação não se propõe como garantia de transformações estabelecidas de antemão. Mesmo estudando, problematizando, a proposta de um enfrentamento de si mesmo que seja persistente. Um exercício de produzir-se a si mesma como modo de existência e de formação *ética-estética-política*. Exercitar subjetividades menos normatizadas, recusar jogos de poder como dominação e estratégias de subjugação do outro. Em se tratando do debate público contemporâneo, esse pode ser um grande desafio.

Ao longo do artigo foram empreendidas análises tomando como base as escritas de estudantes em diários de bordo. Escritas que anunciam modos de pensar provocados pela disciplina TEGSE. Uma escrita que diz da formação nas aulas, mas que também se faz formativa. Cada estudante estabelece uma relação com a escrita, de modo que ela também pode fazer-se experiência, instigando as estudantes a retomarem o que foi debatido nas aulas, produzindo uma inquietação consigo que não seria interrompida após o término dessas aulas. Nesse sentido, estou considerando que as narrativas, o que narramos para outros e para nós mesmos/as, também constitui nossas visões de mundo.

Pode parecer contraditório que tenha iniciado o artigo argumentando por uma formação que não se limita a movimentos ritualizados e enquadrados e, ao mesmo tempo, dizer sobre as possibilidades de uma disciplina, inserida num currículo de um curso de Pedagogia. Relevante ampliar esse argumento. A disciplina TEGSE é um movimento curricular ritualizado, com tempos, espaços, referências, avaliações, mas ela não se limita a esses enquadramentos. O que se produz com a disciplina reverbera, movimenta-se com as estudantes que chegam e saem da sala de aula, que carregam consigo resquícios das

discussões, marcas deixadas pelos embates, inquietações que levam para o cotidiano, para as suas famílias, para as relações com outras pessoas. Relevante também dizer que uma formação não se limita aos movimentos ritualizados ou disciplinarizados, mas se amplia com uma rede que engloba disciplinas, estágios, projetos de pesquisa e de extensão, participação em diretórios acadêmicos, em coletivos e movimentos sociais, participação em eventos acadêmicos. Uma rede que amplia o sentido de *formação*, potencializa o investimento em um projeto social inclusivo, justo, democrático e traz implicações éticas e estéticas: “*Sem esperança, não vale a pena viver*”.

Referências

- CASTRO, Roney Polato de. (2014). *Experiência e constituição de sujeitos docentes: sexualidades, relações de gênero e formação em Pedagogia*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, mimeo.
- CASTRO, Roney Polato de; SOUZA, Vinícius Rangel de (2016). “Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens”. *Educação em perspectiva*, v. 7, n.1: p. 53-76, jan./jun. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/view/720/174>>. Acesso em: 01 out. 2016.
- ELLSWORTH, Elizabeth. (2001). “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.
- FOUCAULT, Michel (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad.: M^a Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel (2001). *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. 9 ed. Trad. M^a Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FOUCAULT, Michel (2006). *Ética, Sexualidade, Política. Ditos & Escritos V. 2* ed. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel (2011). *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Trad.: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes.

LARROSA, Jorge (2002). “Tecnologias do Eu e Educação”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 35-86.

MISKOLCI, Richard (2012). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP.

NATIVIDADE, Marcelo. (2006). “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 61: p. 115-223, jun. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v21n61/a06v2161.pdf>>. Acesso: 23 jan. 2014.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de (2013). *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidade LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond.

SCOTT, Joan W. (1999). “Experiência”. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara C. S.; RAMOS, Tânia R. O. (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres. p. 21-55.

Artigo recebido: 10/06/2016

Aceito: 28/10/2016